

## Werk

**Titel:** Tradições populäres açorianas

**Autor:** Lang, H. R.

**Ort:** Halle

**Jahr:** 1890

**PURL:** [https://resolver.sub.uni-goettingen.de/purl?345572572\\_0013|log14](https://resolver.sub.uni-goettingen.de/purl?345572572_0013|log14)

## Kontakt/Contact

[Digizeitschriften e.V.](#)  
SUB Göttingen  
Platz der Göttinger Sieben 1  
37073 Göttingen

✉ [info@digizeitschriften.de](mailto:info@digizeitschriften.de)

### Tradições populares açorianas.

Com o objecto de contribuir com o meu obulo para o conhecimento do folklore portuguez, ando colligindo, nos poucos momentos de vagar que me deixam o ensino e outras obrigações, os elementos da tradição oral que ainda existirem na colonia açoriana estabelecida na localidade em que me acho, e que, na luta inexoravel pela existencia que esta gente tem de soste nas condições sociaes e intellectuaes inteiramente differentes do nosso paiz, hão-de obliterar-se rapidamente e desaparecer para sempre. Sobre a tradição popular insulana ha já trabalhos particulares pelos snrs. F. M. Supico<sup>1</sup>, Arruda Furtado<sup>2</sup> e Theophilo Braga<sup>3</sup>, todos tres naturaes das ilhas; não se creia, porém, que já esteja exausto por essas investigações, por valiosas que sejam, este thesouro do espirito popular. Como se verá das poucas amostras que vou publicar aqui, ha ainda muitas e muitas espigas que apanhar no campo, quasi virgem, ao que parece, em alguns pontos, da tradição viva dos Açores.

Pelo que respeita á linguagem dos meus materiaes, a genuindade dos quaes é irrefutavel por elles me terem sido communicados directamente por pessoas de todo o ponto fidedignas, direi apenas que não a alterei em maneira alguma senão supprindo cá e lá a pontuação e que, se bem que seja pouco mais ou menos a litteraria, frequentemente empregada pelo povo, não se deve concluir d'este facto que as tradições n'ella transcriptas não são d'origem puramente popular.

Não tendo ao meu alcance senão um numero muito estreito de collecções folkloricas, prefiro abster-me de toda a confrontação dos meus materiaes com as respectivas tradições d'outros paizes.

#### I. *O Lobis-homem.*

A crença no lobis-homem, de que tem até agora tratado em Portugal os snrs. Z. Consiglieri Pedroso (in *O Positivismo* III 240—255, IV 424—430), J. Leite de Vasconcellos (*Tradições populares*,

<sup>1</sup> Almanach do Archipelago açoriano para 1868.

<sup>2</sup> Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos. Ponta Delgada 1874.

<sup>3</sup> Cantos populares do Archipelago açoriano. Porto 1869. — Ampliações ao romanceiro das ilhas dos Açores. *Revista lusitana* 1887, p. 99—116.

p. 260—273), F. A. Coelho (Revista d'ethnologia 1881. p. 179—183) e Th. Braga (O povo portuguez. Lisboa 1885. II 155—159) parece ser das mais vivas que ainda hoje em dia povoam a alma ingenua do povo açoriano. Os nomes populares que, além de "lobis-homem", se dão a esta entidade mythica nos Açores ou pelo menos na ilha do Fayal, são *labregos*, *lambuzão*, *lambuzona*, *lambuzões*.

Segundo a crença popular no Fayal os *labregos* vivem seis mezes no mar e seis na terra. Em quanto moram no mar, fazem bem, podando o arvoredo no mar que se figura impedir a navegação. Na terra sempre fazem mal. No dia de Nossa Senhora das Candeias (2<sup>o</sup> de Fevereiro) sahem os *labregos* do mar. A' meia noite veem de cortar o arvoredo no mar; a não ser elles, não poderia haver navegação. E' preciso fazer cruces nas portas e haver alecrim-bento em casa para que elles não possam entrar.

*Casos acontecidos*<sup>1</sup>: — Um bebado fez uma aposta em como dormiria num adro na noite em que os *labregos* sahem do mar. Assim fez, por estar muito bebado. Na manhã seguinte estava sem sentidos e quasi a morrer. Durou dois dias, e tornando a si por alguns momentos pôde contar os horribes barulhos que ouviu de noite quando os *labregos* sahiam do mar. — No anno de 1878 um vapor francez entrou no Fayal ás 11 horas da noite. O commandante que era amigo do consul francez Rodrigo Guerra no Fayal, deu ordem para tocar um assobio forte. O éco do assobio que se deu em seguida e que foi de uma força extraordinaria, repercutiu com grande estrondo por toda a ilha, assustou quasi todos porque nunca tinham ouvido cousa igual; assustaram-se muitos animaes. Ainda hoje a maior parte do povo camponez estão convencidissimos que aquella noite d'horrores, como elles lhe chamam, foi tudo devido aos *labregos*, que por razão que não se sabe estavam furiosos e fizeram aquelle barulho, assustando terrivelmente a gente que creia vel-os correrem na costa de cima para baixo. Quem tentar explicar-lhe o facto ficam considerados pedreiros-livres.<sup>2</sup>

No que acabamos de lêr ácerca do lobis-homem na tradição fayalense, ha principalmente duas circumstancias que são dignas de reparo. Uma d'ellas é que os lobis-homens ou *labregos* moram no mar seis mezes do anno, sendo isto, ao que parece, uma phase characteristic da localidade do mytho, que não tem, que eu saiba, parallellos em outras partes do dominio portuguez, a não ser que se considerem como taes os lobis-homens feitos patos marrecos que,

<sup>1</sup> Estes casos foram-me communicados pela ex<sup>ma</sup> s<sup>ra</sup> D. Maria Pedro Maciel Waite, natural da Horta no Fayal, a cuja amabilidade devo com effeito quasi todos os materiaes que vão na presente contribuição, e aquem aqui peço desculpa da citação.

<sup>2</sup> Assim chama o povo a quem duar das suas crenças, dizendo-lhes que não se dá ouvidos aos pedreiros-livres por elles fallarem com o diabo todos os dias á meia noite. Cf. a respeito d'isto Th. Braga, O povo portuguez II 190.

segundo a tradição da Serra da Estrella em Portugal, habitam muito as lagoas da serra (Vide Consiglieri Pedroso, l. c. IV 429—430). A outra circumstancia notavel é a de a concepção popular ter attribuido aos lobregos durante a sua estada no mar uma feição benefica que não encontramos nas demais versões da lenda, onde geralmente o lobis-homem parece, quando muito, representar o papel de ente inoffensivo.

Os *lambuzões* chupam o sangue ás crianças. Quando uma criança anda muito doente, sem se saber qual possa ser o motivo, deve-se tomar cuidado porque póde ser o *lambuzão* que entra de noite pelo buraco da fechadura para chupar-lhe o sangue.

Estando uma criança muito doente que parecia estar *empresada*<sup>1</sup>, a madrinha da dita criança consultou uma bruxa que sómente lhe respondeu:

Culpa tem	Que a não entrega
Quem a veste	A. S. Silvestre. <sup>2</sup>
Quem a despe,	

D' ali em diante entregavam sempre a criança a S. Silvestre, que rapidamente milhourou.

Quando se vae no caminho de noite e se sinte com medo dos *lambuzões*, reza-se a oração de S. Silvestre que tem o poder de afastal-os (cf. Consiglieri Pedroso, ib. III 253).

Torna-se *lambuzão* (*lambuzona*) o mais velho de sete filhos successivos.

*Casos acontecidos*: — Uma das familias do Fayal hoje das mais prominentes na California tinha seis filhas. Ao esperarem a setima criança tinham um sangrador em casa para no caso de ser filha ser immediatamente sangrada a mais velha e dar a beber tres pingos á mais moça e assim quebrar o fado da mais velha ficar *lambuzona*.<sup>3</sup>

Outro: — Uma familia que não teve esta precaução por nunca terem reflectido, havia tempos que a filha mais velha andava muito doente e estava quasi a morrer. Ao sorrir-se um dia viram-lhe uns bocadinhos de *lã* vermelha nos dentes.<sup>4</sup> Foi quando immediatamente souberam o que era. Fôra d' horas as *lambuzonas* levantão-se da cama e sahem da casa no seu fado. Do primeiro animal que encontram tomam a fórma. Esta rapariga havia muitas noites seguidas tomava a fórma de porco<sup>5</sup>, entrava no quintal da sua

<sup>1</sup> *Empresar* uma criança quer dizer fazer-lhe alguma bruxaria.

<sup>2</sup> Pelo que respeita aos versos, compare-se o que se diz no dia di S. Silvestre (vide Anuario para 1883. p. 17):

Quem vae ao S. Silvestre,  
Vae num anno e vem no outro,  
E nunca se despe.

Cf. tambem F. A. Coelho, Revista d' ethnol. para 1881, p. 187.

<sup>3</sup> Sobre o *lobis-homem femea* cf. Consiglieri Pedroso, ib. IV 424.

<sup>4</sup> A respeito da "*lã* vermelha" cf. idem ib. III 250.

<sup>5</sup> Sobre as fórmas dos lobis-homens cf. Consiglieri Pedroso ib. III 247; Th. Braga, O povo portuguez, vol. II 156. Segundo a crença fayalense o

mesma família e destruiu a roupa que estava fóra. Vinham sempre espancar aquelle porco sem suspeitar que era a filha mais velha da casa. Na ultima noite o porco destruiu uma saia vermelha, foi espancado horrivelmente, o que deixou a pobre *lambuzona* n'aquelle estado de fraqueza; e os pedaços da saia nos dentes descobriram á familia o fado em que a filha tinha andado.

No que precede merece ser notado em primeiro logar que na tradição fayalense o lobis-homem *femea* tem o nome especial de *lambuzona* (cf. a expressão minhota *a criada dos lobos*. Revista lusitana, 1887 p. 220); em segundo logar que esta é a mais velha em vez de ser, como em outras versões d'esta crença popular portugueza, a mais nova de sete filhas successivas, e finalmente o facto de a mais velha para evitar que tenha de correr fado dever ser sangrada e dar a beber tres pingos de sangue á mais nova.

Para concluir o que sobre o lobis-homem na tradição açoriana tenho por agora a dizer, darei a conhecer mais a seguinte superstição que parece ligar-se á este mytho popular:

Ha muitos encantados que apparecem a pedir que lhe tirem o encanto. No monte da Guia do Fayal apparece um homem de tempos a tempos com uma cara horrivel, pedindo que lhe tomem um lenço que elle tem na mão. Todos tem fido medo de o tomar, e por isso elle ainda está encantado até haver um que o veja e tenha a coragem de pegar no lenço. Suppõe-se ser um principe immensamente rico.

## 2. *Jogos infantis.*

- |   |  |
|---|--|
| 1. Minzin minzol,<br>Cazim cazol,<br>Pormon de ti <sup>1</sup> ,<br>José Mançol.<br>Cascaranhas,<br>Malaguetas<br>Tingue lá fóra. | 2. — Eu fui ao mato;<br>— Mais eu tambem.<br>— Buscar um páo;<br>— Mais eu tambem.<br>— Para fazer uma gamella;<br>— Mais eu tambem.<br>— Para os porcos comerem.<br>— Mais eu tambem. |
|---|--|

1. Este jogo, muito antigo e commum no Fayal, joga-se do seguinte modo: Uma rapariga estende a saia e todos pegam n'ella com dois dedos de cada mão. A mão esquerda da rapariga segura no meio da saia, os outros na borda. A rapariga começa pelo seu dedo, da direita para a esquerda, dizendo os versos, cada linha a cada mão. Retira-se a mão a que chega o „tingue lá fóra.“

2. É, segundo a senhora açoriana a quem devo este jogo como tambem o primeiro, um dos jogos favoritos de todas as crianças nos Açores. Onde está um rancho de crianças reunidas,

---

lobis-homem transforma-se, como se me diz, as mais das vezes em gato, porco, bóde ou cão.

<sup>1</sup> *Pormon de* ouve-se geralmente ao povo em vez de *por amor de*.

tratam de descobrir qual é aquella que não sabe do jogo, (e) pedem-lhe para responder a todas as perguntas por “mais eu tambem”. Fazem-lhe as perguntas muito á pressa para não lhe dar tempo de pensar na ultima pergunta. Acaba o jogo com muitas gargalhadas de todos.

Manifesta-se n'este jogo, como já se terá visto, uma veia de gracejo ou zombaria.

## 3. Variantes.

- |   |  |
|---|--|
| a) Palminhas e mais palminhas,<br>Palminhas de mémé,<br>P'ra quando o papae vier,<br>A mamae dá-lhe mamminha<br>E o papae dá-lhe a sopinha. | b) Mão quebrada,<br>Mão quebrada,<br>Bofetada.<br><br>(Fayal.) |
|---|--|

Cf. Th. Braga, O povo portuguez I 284.

Cf. ib. p. 227.

3. *Rimas infantis.*

- |  |  |
|--|--|
| 1. Menina bonita<br>Não dorme na cama;<br>Dorme no regaço<br>Da Snra. Sta. Anna <sup>1</sup>                             | 4. Lu, lu, lu-lu,<br>Cosido com angu;<br>Aqui esta menina<br>Que vem jantar com o vavô. <sup>3,4</sup> |
| 2. Sn <sup>ra</sup> S <sup>ta</sup> Anna<br>Passou por aqui,<br>Com o seu cavalinho<br>Comendo o capelinho. <sup>1</sup> | 5. Tã balalão,<br>Cabeça de cãõ,<br>Pipa de vinho<br>Por meio tostãõ. <sup>5</sup>                     |
| 3. Chita, burrinho<br>Para o capelinho. <sup>2</sup>   |  |
6. Variante do dialogo dos dedos:
- Este diz que tem fome;  
Este diz que não tem nada que lhe dar;  
Este diz que va furtar.  
Esta diz que não vá lá,  
Qu'este que o vae matar.

4. *Orações.*

## I. A. S. Bartholomeu.

No dia 24 de Agosto consagrado a S. Bartholomeu crê-se que anda o diabo ás soltas (cf J. Leite de Vasconcellos, Anuario 1883, p. 12). Para afugentar qualquer coisa que tem pacto o com o diabo, o povo da ilha do Fayal reza a seguinte oração que, segundo creio, ainda não é conhecida <sup>6</sup>:

<sup>1</sup> Cantão-se para adormecer uma criança.

<sup>2</sup> Diz-se, mexendo uma criança sentada no joelho.

<sup>3</sup> Dizem isto as amas quando querem entreter a criança.

<sup>4</sup> *vavô* é fôrma infantil por *avô*.

<sup>5</sup> Toma-se as mãos á criança escanchada no collo, e faz-se o sino.

<sup>6</sup> Cf. com respeito á linguagem as orações a S. Antonio (Anuario p. 31) e a S. Jeronymo (ib. p. 64).

S. Bartholomeu se levantou,	Qu'eu te darei tal cundão
Seu pé direito calçou,	Como o dei a filho varão.
Seu caminho caminhou,	A casa onde tu entrases
A virgem encontrou,	Não morrerá mulher de parto,
E ella lhe perguntou:	Nem menino de bafo <sup>1</sup> ,
— Onde vaes, Bartholomeu?	Nem boi d'arado,
— Em cata de vós, Senhora, vou.	Nem cavallo d'estado,
— Torna atraz, Bartholomeu,	Nem cão damnado;
Mas morrerá cão rebentado. <sup>2</sup>	
Quatro cantos tem a casa,	
Quatro anjos que a guardam,	
S. Marcos, S. Lucas, S. Matheus, Senhor meu Deus.	
Arrebenta, cão, vae para os teus. (Fayal).	

A p. 376 do Folk-lore andaluz para 1882, acha-se um versão hispanhola muita parecida com a açoriana.

## 2. A oração magnifica.

As orações e formulas usadas contra os trovões, que trazem nas suas obras os snrs. J. Leite de Vasconcellos (Tradições populares, p. 63—65) 'Theophilo Braga (O povo portuguez II p. 209—210) parece pertencer mais a oração chamada a *magnifica* que me dizem ser ainda frequentemente empregada pelo povo fayalense, mas de que até ao momento em que escrevo não tenho podido alcançar senão a seguinte versão muito incompleta, na qual não se faz menção alguma das trovoadas e se allude apenas por um modo muito vago á Santa Barbara, advogada contra os raios e trovões. Cfr. C. Pedroso, Positivismo III 153.

A minha alma magnifica	O proprio Omnipotente,
Engrandece ao Senhor,	Obrou para mim grandes cousas.
E o meu espirito se alegra	O seu santo nome se estende
Em Deus meu Salvador.	De geração em geração.
Porque eu tendo a humildade	Levantou os humildes pobres famintos
	e encheu-os de bens.
Da sua serva purissima,	Os ricos ambiciosos deixou vazios.
De todas as gerações	Lembrado o seu servo Israel
Me chamaram bem aventurada.	Como o prometeu o nosso pae Abrahão
Para que eu <sup>3</sup> tema, manifestou	A toda a sua geração.
Por todos os seculos dos seculos. Amen.	

Quando faz trovões, diz-se „A minha alma magnifica”. Só estas palavras tem o poder de afastar o corisco.<sup>4</sup> S. Gelormo (Jeronymo) rezava sempre a Magnifica quando fazia trovões; nunca

<sup>1</sup> Bafo significa *ar ruim*.

<sup>2</sup> Cão rebentado (= arrebentado) significa “o diabo arrebentado”.

<sup>3</sup> Falta aqui o pronome objectivo de *tema*, *o*, que se deve referir ao „omnipotente”.

<sup>4</sup> *corisco* é um relampago, raio, significação que falta no dictionario de H. Michaëlis.

o raio lhe pôde tocar. O Senhor do Céu que tinha destinado a elle morrer d'um raio, mandou-lhe um anjo dizer que elle não rezasse quando fizesse trovões, para que o seu destino fosse cumprido. S. Gelormo subiu a uma montanha, ajoelhou e não rezou, para que a vontade do Senhor fosse cumprida. Abriram-se então os céos e o raio divino veiu fulminal-o.

N'uma casa de folga cahiu um raio que matou a todos excepto a uma rapariga por ser ella a unica que rezava a Magnifica.

As palmas que se dão ao povo no Domingo de Palmas tambem afastam o raio (cf. J. Leite de Vasconcellos, ib. p. 125).

3. Ao deitar.

- |                               |                                 |
|-------------------------------|---------------------------------|
| a) Com Deus me deito          | b) N'esta cama me venho deitar, |
| Com Deus me alevanto,         | Quatorze anjos nella achei.     |
|                               | Dois aos pés,                   |
| Na graça de Deus,             | Dois á cabeceira,               |
|                               | Dois á mão direita              |
| Senhor Espirito Santo.        | Dois á esquerda,                |
| Chagas abertas                | Dois que me cobrem,             |
| Coração ferido                | Dois que me descobrem,          |
| Sangue preciozo               | E dois que m'encaminham         |
| De meu Senhor Jesus Christo,  | Pelo caminho da gloria.         |
| Se meta entre nós e o perigo. | (Fayal.)                        |

Cf. Theophilo Braga, O povo portuguez II 208. Cf. ib. p. 205.

5. *Agouro da corriola*.<sup>1</sup>

As crianças no Fayal crêem que o bicho *corriola* lhes pôde apontar qualquer parte do mundo. Muitas vezes, diz-me a senhora açoriana a quem devo esta noticia, vi algumas crianças tomarem o bicho corriola e perguntarem-lhe: „Corriola, corriola, para que banda é o Pico?“ Para o lado a que aponta o bico da corriola, elles ficam certos que está ahi o logar que pediram.

Ha tambem um bichinho chamado *bichial* que quando se lhe diz:

Bichinho bichial,  
Para onde é o Fayal?

torce logo o bico para apontar a direcção.

Um amigo meu, natural das Flores, refere-me que n'esta ilha é um bichinho chamado *ilheu*<sup>2</sup> a que na sua infancia ouviu dirigir a pergunta:

Ilheu, ilheu,  
Para onde ficá o Corvo?

<sup>1</sup> *Corriola* chama-se no Fayal communmente a uma lesma de côr esverdeada.

<sup>2</sup> *Ilheu* parece ser na ilha das Flores o nome vulgar de uma larva de côr vermelhante de que não tenho podido obter uma descripção mais exacta.



Com estas superstições póde-se comparar uma semelhante com o louvádeus que vem citada a pag. 135 das „Tradições populares de Portugal“ de J. Leite de Vasconcellos.

Comquanto tenha em meu poder mais alguns materiaes interessantes, termino aqui esta contribuição que não tem mais pretensões do que communicar o que consegui colligir, e chamar a attenção dos folkloristas para as riquezas do maravilhoso popular que ainda se escondem no seio do povo açoriano.

H. R. LANG.